

Corpo em Trânsito: Problematizando as Questões de Gênero em Narrativas Jornalísticas¹

Body in Transition: Questioning Gender Issues in Journalistic Narratives

Maria Carmen Aires Gomes²

Resumo: Neste artigo, será problematizada a forma como são construídos os modos particulares de identificação de atores sociais representados nos textos, assim como os discursos construídos por eles e pelas mídias de notícias. Para tanto, será realizado um estudo analítico de uma reportagem jornalística que problematiza um tipo de corpo que invoca posições identitárias distintas daquela reproduzida pela matriz hegemônica heterossexista. Tomarei como ponto de partida as reflexões não só de Butler (2010) acerca da “característica descritiva da experiência” como ‘formadoras’ das identidades, mas também o debate faircloughiano de que as identidades e relações sociais são construídas reflexivamente por meio de processos de negociação, por meio do diálogo na esfera pública (FAIRCLOUGH, 2001), além das discussões de Le Breton (2010) sobre a corporeidade como fenômeno social, histórico e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. ADC. Mídia.

¹Este trabalho foi apresentado no Congresso da Associação Latino-americana dos Estudos Discursivos, realizado em Puebla, México, em 2013, com o apoio da Fapemig.

²Professora Associada I do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (MG).

1 Considerações Iniciais

Nas sociedades modernas – pelo menos nas sociedades ocidentais, entre elas a brasileira – a sexualidade parece ter uma evidente centralidade. Ao longo da história, principalmente, a religião, a educação e a Justiça colocaram não só em funcionamento os regimes de verdades que reforçavam o binarismo entre o sexo/corpo, normal e o anormal, mas também as outridades como constituições anormais. É claro que tais construções discursivas foram se modificando ao longo da descontinuidade histórica, mas é importante pensar que muitos deles ainda se mantêm. É isso que faz com que pensemos na sexualidade como um objeto extremamente complexo, como bem pontuava Michel Foucault, em *História da Sexualidade*.

O movimento feminista contribuiu com a consciência política sobre o problema do gênero na vida pública ao lançar um olhar mais crítico, complexo e multifacetado sobre as relações binárias, hierárquicas e atributivas entre o “ser homem e o ser mulher” (HEYWOOD, 2010). Fato é que os movimentos, as pesquisas no âmbito acadêmico, as organizações fizeram ecoar (ou mesmo tornar visíveis) outras vozes, outros corpos, outridades.

No campo das sexualidades, por exemplo, já não se ouve apenas as vozes legitimadoras e hegemônicas da Ciência/Biologia e Religião, ou mesmo dos homens brancos fortes e machos da matriz heteronormativa, dizendo como devemos nos comportar, agir e nos relacionar com o outro e com o mundo. Travestis, transexuais, transgêneros, intersexos são algumas das outridades que fogem à matriz heteronormativa, não apenas por uma questão de designação, mas porque são identidades performadas, isto é, atos políticos que buscam desnaturalizar tal matriz binária, hierárquica e atributiva. Os estudos Queer, supõem a não-acomodação e admitem a ambiguidade, o trânsito, o estar-entre. No entanto, como chama atenção Louro (2009, p.34): “Isso não significa que se transite livremente entre esses territórios. As conseqüências para quem tem a ousadia de fazer tal atravessamento são, em geral, a punição, o isolamento ou, eventualmente, a reeducação com vistas ao retorno ao “bom caminho”.

Analisarei, portanto, neste trabalho³, a forma como são construídos os modos particulares de identificação de atores sociais representados nos textos, assim como os discursos construídos por eles e pelas mídias de notícias. Para tanto, farei um estudo analítico de uma reportagem jornalística sobre o Crossdresser Laerte. Tomarei como ponto de partida as reflexões não só de Butler (2010, p.38) acerca da “característica descritiva da experiência” como ‘formadoras’ das identidades, mas também o debate faircloughiano de que as identidades e relações sociais são construídas reflexivamente por meio de processos de negociação, por meio do diálogo na esfera pública (FAIRCLOUGH, 2001), mas também as discussões de Le Breton (2010) sobre a corporeidade como fenômeno social, histórico e cultural.

³ Este trabalho se inscreve no projeto **Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea**, CNPq (PQ2). O objetivo desse projeto é refletir acerca das relações entre corpo, mídia e diferença.

O que proponho aqui é a integração dos estudos sobre sujeito/corpo tal como desenvolvido no âmbito da Sociologia do Corpo e dos estudos Queer com os estudos discursivos críticos. Esta investigação apresenta contribuição da análise discursiva textualmente orientada (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) para compreendermos como a mídia problematiza as questões que envolvem o corpo excluído/marginalizado (aquele que não atende aos padrões hegemônicos heteronormativos). O foco aqui é problematizar os discursos formadores, hegemônicos, que constroem (e docilizam) o sujeito corpóreo (FOUCAULT, 1985; BUTLER, 2010). O texto apresenta um tipo de agenda política, pois torna visível um problema sóciodiscursivo da sociedade contemporânea, e, ao fazer isso, reforça e propõe formas alternativas de se compreender as identidades de gênero, ou seja, nos leva a entender a possibilidade do cruzar fronteiras, do estar na fronteira, do ter identidades ambíguas e outridades. Ajuda-nos, enfim, a denunciar uma menos evidencialidade das construções identitárias de gêneros.

2 Análise textualmente orientada para crítica discursiva

Os estudos discursivos críticos, na vertente britânica, tal como desenvolvida por Norman Fairclough, concebem o discurso como uma forma de prática social, ou seja, as pessoas fazem escolhas “sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p.104). Isto porque “As pessoas não são inteiramente livres quando comunicam, elas são constrangidas pelo conjunto e pela estrutura de seus repertórios, e a distribuição de elementos de repertórios é desigual” (BLOMMAERT, 2005, p.15). O discurso, neste sentido, realiza-se em momentos fluidos, que transitam ou se internalizam em outros momentos de forma contínua, sujeito, portanto, a mudanças (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Enquanto o discurso se apresenta como um elemento da vida social que se interconecta a outros elementos, a linguagem é compreendida como um elemento da vida social que define certas possibilidades e exclui outras (FAIRCLOUGH, 2003, p.24).

A análise de discurso textualmente orientada enfoca a semiose como prática social, ou seja, seu interesse não se volta exclusivamente para ações individuais ou para estrutura social, mas, sim, para o fluxo de práticas sociais, que representam o ponto de conexão entre estrutura e agência, implicando interdependência causal entre as duas entidades. Fairclough (2001, p.34) enfatiza que as nossas práticas sociais são resultados de causas e efeitos que podem não ser tão mecânicos, mas opacos, porque são naturalizados.

O estudo se baseia, portanto, na identificação de um problema social parcialmente discursivo que será analisado por meio da análise de textos situados no campo da mídia porque se entende que textos têm efeitos causais, ou seja, acarretam mudanças em nossos conhecimentos, crenças, atitudes e valores, além de reconstituírem identidades e relações sociais. Alguns aspectos discursivos, em práticas sociais contextualizadas, podem implicar a legitimação de ações particulares e determinar modos de conduta e atitudes. Isso ocorre porque textualmente podemos construir/representar/imaginar o mundo social em perspectivas específicas, particulares

(FAIRCLOUGH, 2003, p.8); trata-se, segundo Fairclough, de um processo de “meaning-making” que interferirá nos efeitos sociais dos textos.

Fairclough (2003) propõe que as redes de práticas sociais, no seu aspecto lingüístico, sejam chamadas de ordens do discurso, que se realizam por meio de *discursos, gêneros e estilos*. São estes elementos que selecionam certas possibilidades lingüísticas e excluem outras. Neste sentido, o discurso se figura de três maneiras: como formas de agir, de representar e de ser, ou seja, as pessoas fazem coisas em processos de significação nos eventos sociais. Estes aspetos do significado levam as pessoas a agirem e interagirem com os outros (significado acional), representarem, pessoas, eventos coisas (significado representacional) e identificarem, julgarem, apreciarem (significado identificacional). Os significados acional, representacional e identificacional são assim compreendidos como os principais tipos de sentidos dos textos.

3 Procedimentos analíticos

Em termos metodológicos, seguirei, neste trabalho, a proposta para explanação crítica de problemas sociodiscursivos da forma como propuseram Chouliaraki e Fairclough (1999), baseados na investigação crítico-explanatória, que parte da identificação de um problema social com aspectos semióticos, que será analisado a partir de três momentos: (i) análise da conjuntura, (ii) análise da prática particular e (iii) análise do discurso. O objetivo é, segundo os pesquisadores, “mostrar como o momento discursivo trabalha na prática social, do ponto de vista de seus efeitos em lutas hegemônicas e relações de dominação” (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999, p.67). Neste sentido, a análise discursiva é textualmente orientada e se situa na interface entre a ação (gênero), representação (discurso) e a identificação (estilo), de forma que possamos investigar textos tendo em vista seus efeitos sociais (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Para tanto, seleciono certas categorias analíticas que estão associadas a maneiras particulares de representar, agir e de identificar questões de gêneros voltadas para o crossdresser, na reportagem da revista impressa escolhida para a discussão. O foco é o significado representacional e acional: o interesse é explorar os modos como a transgeneridade é representada e identificada no texto selecionado. Entendendo que os textos funcionam, muitas vezes, de forma a atender fins estratégicos, gerando diversos efeitos sociais potenciais, as categorias utilizadas, para a análise lingüístico-discursiva, são o *Sistema de Transitividade* (como o ator Laerte é representado por meio de participante, processo e circunstância? Como a crossdresser foi representado e avaliado? Se há uma confusão conceitual entre travestilidade, transexualidade e crossdresser), as relações de *intertextualidade* (Quais vozes e textos são incluídos no material de análise? Quais foram significativamente excluídos? Como são atribuídas as vozes e textos? São relatadas diretamente ou indiretamente?) e *interdiscursividade* (Que discursos são articulados nos textos e como são articulados? Quais recursos lingüístico-discursivos caracterizam tais articulações?), e a *modalidade* (como os autores se comprometem nos textos em relação ao tema? Quais os níveis de comprometimento?).

4 Material de Análise: o problema sócio-discursivo

O texto foi publicado em abril de 2013, na revista *A Piauí*, que se trata de uma publicação mensal brasileira, lançada em 2006, idealizada pelo documentarista João Moreira Salles e considerada jornalismo literário, pois os textos nela publicados não seguem as normas de produção de gênero reportagem jornalística, conforme apontam as regras dos manuais de redação, pois, ao contarem histórias, informam, sim, os leitores, “porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo.”⁴ O Jornalismo literário é uma prática jornalística decorrente de contextos específicos, nos quais são utilizados recursos estilísticos da literatura na escrita dos textos, com o intuito de tornar a leitura mais atraente, sem perder o caráter realista e os padrões jornalísticos de apuração da notícia. Neste sentido, segundo site da Abril, a referida publicação é diferente, porque “Nela você encontra grandes reportagens e pequenos artigos singelos, perfis reveladores e humor inteligente, informações relevantes e histórias nem tanto [...] Optamos por um jornalismo com o privilégio do tempo.”

O texto analisado está na seção intitulada *Questões de gênero*, cujo título é “*Laerte em Trânsito – Como vive, o que pensa e com quem anda o cartunista que decidiu ser mulher em caráter experimental*”, produzido pelo jornalista Fernando de Barros e Silva. O texto tem 10 páginas e traz uma foto do Laerte travestido com a seguinte legenda: “*Desde que assumiu a persona feminina, Laerte só politizou sua atitude: o papel de ‘ursinho carinhoso’ o incomoda, mas ele acredita que pode ajudar a condição de travesti com sua projeção*”.

Em termos multimodais, na capa, a imagem desenhada da mulher se coloca ao centro da revista, mediando os títulos das matérias que compõem a referida publicação. Quanto à modalidade, é um desenho que tenta mostrar apenas o essencial do que seria o corpo de uma mulher, com foco na feminilidade: maquiagem e cabelos bem penteados. Não há um contexto como pano de fundo, apenas o uso saturado da cor rosa.



⁴http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario.

O que chama atenção nesta imagem é o olhar vetorial que sai da PR em direção à chamada principal da revista: “No mundo de Laerte – A militância e a rotina do cartunista que se travestiu”. Além disso, a figura de uma mulher com os seios escondidos por máscaras de palhaço, como parte do mistério, talvez, da construção do corpo travestilizado.

5 O texto: Corpos fronteiriços: cruzar fronteiras ou estar na fronteira?

Nesta seção, iniciarei apresentando breves reflexões sobre a conjuntura em que os gêneros jornalísticos foram produzidos, assim como a prática particular da imprensa neste contexto social.

Na atualidade, um cenário de transformações vai se constituindo e nos apresentando novas configurações nas nossas práticas sociais. Um novo ordenamento sexual vai se formando nas sociedades contemporâneas, com novas vozes, estilizações, resistências e emancipações, por meio das múltiplas e diversas relações entre homens e mulheres, das lutas pelo casamento gay, das diversas identidades de gênero, das intervenções de realinhamento de gênero e dos posicionamentos sobre as masculinidades e feminilidades. Neste cenário, as práticas sociais rapidamente produzem lógicas da diversidade, do reconhecimento do outro. Na Argentina e no Brasil, a legalização do casamento gay faz parte da agenda política e tem suscitado diversos debates nos mais variados campos sociais, com posicionamentos ideológicos completamente distintos, e, muitas vezes, precários, desinformados. Assim como a luta pelos direitos humanos de os transexuais, por exemplo, terem uma identidade civil compatível com o gênero, ou seja, o direito de serem reconhecidos legitimamente na sociedade civil pela sua identidade genérica. As dimensões políticas destas lutas incluem não só as organizações militantes, mas também pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico. Embora tenhamos um cenário visível de lutas, resistências, ainda vivemos na pretensa ilusão da ordem sexual binária e heterossexual, que fundamenta tal lógica identitária, que é ainda atributiva/avaliativa, pois atribui determinadas características, valores e atributos e não outras aos sujeitos que formam determinadas identidades, marginalizando outras. Esta lógica é binária, essencialista, atributiva e hierárquica, reforçando assim a diferença, as desigualdades e as relações de dominação (FERNANDEZ, 2013).

A relação entre corpo, sexualidade e poder tem suscitado, ao longo dos séculos, várias discussões. O corpo é compreendido como um construto histórico, social e cultural e é por meio dele que a sociedade se expressa, se constitui no mundo (LE BRETON, 2010); neste sentido o corpo pode (e é) muitas vezes domesticado, controlado, disciplinado pelas estruturas e instituições (BUTLER, 2010; FOUCAULT, 1985).

Michel Foucault (1985) lança a temática do corpo para o centro do debate ao discutir sobre o sujeito produzido historicamente por uma exterioridade social, cultural e política. O filósofo já havia localizado, neste contexto, o momento em que o homem perdia sua subjetividade para se objetivar nas engrenagens da produção, da máquina, nos processos por ele denominados biopoder e biopolítica. Dessa forma, Foucault

vincula o sujeito a uma dimensão política ao pensá-lo (ou problematizá-lo) por meio dos dispositivos de poder que os constrói/constitui.

Para Butler, os conceitos de Foucault são necessários para uma discussão problematizadora entre sexo e gênero. Neste sentido, a filósofa busca compreender tal relação a partir da compreensão da identidade de gênero como performance. Ao significarmos o corpo, o fazemos a partir de uma organização social, um tipo de premissa que nos diz como o corpo é, como deve ser e o que ele pode ser, isto é, agimos por meio de regulações socioculturais que “pré-determinam” a construção do corpo. Ou seja, são por meio das repetições, das práticas discursivas que se repetem que nos construímos e construímos os outros, porém tais iterações podem ser interrompidas, contestadas e então novas e renovadas construções identitárias podem surgir. Ou seja, podemos ser afetados por tais regulações, mas podemos também, por meio de nossa agência, contestar as construções identitárias.

As práticas midiáticas têm desempenhado papel importante nesta discussão, por meio dos gêneros discursivos ali produzidos e circulados, pois fazem não só um trabalho de mediação entre a vida social e as ações dos sujeitos, mas também, de maneira dialética, intermedeia a estrutura social e ações sociais colocando, de maneira atravessada, contestada, ou mesmo cristalizada, muitas vezes, as diversas dimensões da vida social e suas contingentes práticas sociais, em xeque. Fairclough (1995, p.60) discute que os “textos da mídia são barômetros sensíveis da mudança cultural que se manifestam em sua heterogeneidade e contradição da natureza, muitas vezes, hesitante, inacabada de mudança.”

Se pensarmos na estrutura genérica do texto analisado, observaremos que se trata de uma reportagem jornalística, porque, podemos dizer, é um texto predominantemente narrativo e informativo, e com uma média de 10 páginas, além de um aprofundamento temático. No entanto, o texto deveria limitar-se a narrar os acontecimentos, sem juízo de valor, mas não é isso que se verifica. Os texto não só tenta representar as realidades ali construídas, mas também, em certos momentos, observa-se a manifestação do produtor do texto, seja por meio de avaliações, seja no próprio uso do discurso relatado e dos comentários.

Nesta esteira, corroborando com as ideias de Fairclough (2003), podemos dizer que as reportagens jornalísticas impressas são exemplares do que o autor denomina de “gêneros de governança”, porque regulam ou controlam outras práticas sociais, mesmo que estejam vinculados a redes de práticas específicas do jornalismo. As reportagens, de alguma forma, controlam e regulam os eventos noticiados e relatados, quando recontextualizam fatos/acontecimentos aos leitores. A maneira como os fatos são relatados (noticiados) podem afetar a maneira como os sujeitos interpretam/reagem aos eventos sóciomidiáticos. Os eventos instanciados pela mídia fazem parte de uma operação complexa de seleção, orientada por interesses econômicos e sociopolíticos, o que aponta para uma construção social da reportagem. Fairclough sugere ainda que “os efeitos sociais do jornalismo, parte aberta e parte encoberta, são complexos e contraditórios - a produção de descrições pode ser vista como imparcial e objetiva, mas também como entretenimento, controle social, e legitimações.” (FAIRCLOUGH, 1995, p.86)

5.1 Laerte em Trânsito

O texto inicia-se com uma sequência de ações descritas pelo jornalista de forma a tentar representar a experiência vivida por Laerte, em um espaço público, gerando tensões e até mesmo contradições. Ao relatar (contar) a experiência de Laerte, o texto deixa escapar alguns efeitos discursivos de realidade ao reconstruir a cena (o evento/ a trama da estória) para o leitor.

“Laerte se levantou da mesa e atravessou o longo salão do restaurante até o banheiro. Entrou no masculino. No caminho de volta, foi abordado por um grupo de homens e mulheres, reunidos num happy hour animado. Haviam reconhecido o cartunista e queriam tirar fotos com ele. Em meio a abraços, poses e cliques dos celulares, um dos rapazes arriscou o elogio: “Genial isso da sua vestimenta”, “Não é só vestimenta, você sabe disso, né”, respondeu Laerte, provocando sorrisos e deixando no ar uma ponta de interrogação. No percurso, o caixa do estabelecimento também o saudou em voz alta: “Te vi na televisão!” . “Eu me transformei nisso”, disse Laerte, de volta à mesa [...].”
“Fazia calor intenso naquela tarde paulistana de dezembro. Laerte vestia uma minissaia jeans (Não muito curta, tenho 61 anos) e uma blusa branca de botões, estampada com flores miudinhas. Usava maquiagem discreta no rosto, um colar de pedras coloridas e cinco ou seis pulseiras. Tinha as unhas pintadas de vinho e as dos pés, de vermelho cintilante. Calçava sandálias marrons de salto baixo.”

O início deste texto se distancia da configuração tradicional de *lead* da forma como se apresenta geralmente no gênero reportagem jornalística e dá lugar à subjetividade, impressões, julgamentos e apreciações do narrador/jornalista; enfim caracteriza-se como um exemplar do jornalismo literário, por isso a reportagem apresenta uma construção textual narrativa bem interessante, pois tenta reconstruir o fato/a cena/o encontro entre Laerte e o jornalista de maneira bastante “realista”, com profusão de detalhes na descrição das ações (como se observa nos excertos 1 e 2), do comportamento, da roupa, por meio de descrições definidas e qualificações metafóricas:

*“Seus sorrisos chegam quase sempre sem avisar, como se fossem descargas elétricas súbitas de uma cabeça de alta voltagem, que produz faíscas de humor mais rápido do que é capaz de controlar. Ri menos dos outros que de si. Mas não prepara as piadas – elas simplesmente **pipocam**, como **tiros** vindos do nada.”*

De alguma forma, ao usar qualificações e descrições pormenorizadas na reconstrução do fato/acometimento e da figura do próprio Laerte, parece-nos que há uma tentativa de humanizá-lo, de torná-lo mais próximo do cidadão, de forma a atenuar ou minimizar reações estigmatizadas, excludentes e preconceituosas.

Com isso, nota-se no texto uma mistura de gêneros⁵ ou técnicas de captação das informações para a produção da reportagem literária, como se observa abaixo:

a. observação participante, o jornalista age como uma testemunha da história contada: *“Foi apenas no nosso terceiro encontro que Laerte revelou o grande desconforto que sente em relação a sua casa: “Estou morando num*

⁵<http://www.slideshare.net/aulasdejornalismo/tecnicas-jornalismo-literario>. Acesso em: 10 de outubro 2013.

lugar que não é agradável. Não estou satisfeito com isso, não estou me sentindo recompensada de nenhum jeito e nem quero que isso se prolongue.”

b. perfil humanizado, pois busca retratar e compreender o comportamento do personagem: *“Laerte é uma figura muito séria, de fisionomia triste, marcada pelos sulcos na face, olhos negros e miúdos ligeiramente espantados.”*

c. entrevista de compreensão, o jornalista aprofunda o tema em tela: *A certa altura da conversa, Márcia fez questão de esclarecer um ponto de maneira didática: não confunda identidade de gênero (masculino e feminino) com orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, assexuado). “São coisas distintas”, ela explicou, citando-se como exemplo. Não há relação necessária entre o corpo biológico de alguém e seu gênero. Não há relação necessária entre o gênero da pessoa e seu desejo sexual. Falava como se estivesse revelando a mim a Primeira Emenda da Constituição dos transgêneros.*

d. entrevista biográfica, resgata a fala do personagem para realçar alguma singularidade: *“Antes eu era conhecida como autora de quadrinhos”, falou, usando a regência feminina.*

Além da narrativa descritiva e literária, o texto apresenta ainda fragmentos de e-mails trocados entre Laerte e Dudda Nandez, especialista em produzir homens com trajes femininos, de quem Laerte se torna amiga e confidente, assinando, a partir daí os e-mails, com o nome feminino: “Sonia”.

Não preciso repetir como foi positiva a conversa de ontem.

Gostaria de lembrar a expressão que você usou, pra me dizer: “Para de...?” – não lembro se era “pensar”, “encanar”, era um verbo bom, que eu esqueci.

Você lembra?

Saí dali e comprei uma calcinha muito gostosa.

Quero saber se você se incomoda que eu cite você e o seu estúdio no meu blog.

Beijo!

Sônia

A resposta de Dudda veio no mesmo dia: Oi, meu amor... Fico feliz que tenha gostado...

Quanto ao que eu te disse, é para parar de questionar tanto as coisas ao seu redor e ir para a prática... Vá viver, vá curtir, vá namorar, ser feliz... é isso que vale!!! Que bom que comprou a calcinha... logo logo são roupitchas e vestidos... Beijos, flor, e pode citar sim...

Em função da singularidade da reportagem jornalística literária de pormenorizar as informações e relacioná-las a outros fatos de forma abrangente e pertinente, percebe-se que, no decorrer do texto, houve certa recorrência na forma como o jornalista caracteriza ou contextualiza seus leitores acerca do encontro com o Laerte e principalmente a forma como representa as amigas travestis e transex de Laerte. Há uma insistência em representá-las pelas características físicas (cor de cabelo, corpo) e identificação profissional, quase sempre em posição temática. É possível perceber outras características da prática jornalística literária. A angulação mais aprofundada dada à história de Laerte: quem são os amigos, como vive, quem fez a transformação?

Esta angulação pode ser observada por meio do *Sistema de Transitividade* para tentar perceber como Laerte e as fontes são representados no texto.

Isto é importante porque parte do potencial de significados discursivos está na escolha do elemento que funciona como tema. Observe nos excertos 5 e 6 que o jornalista introduz as fontes, que são as amigas travestis de Laerte, por meio de circunstâncias de papel, pois as identifica, as classifica, principalmente, pelas atividades funcionais que exercem:

“Formada em economia e pós-graduada em administração e psicologia social, Leticia é um travesti de 60 anos.

Formada em direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dona de uma rede de estacionamento e de uma incorporadora imobiliária, Márcia também é travesti.

No excerto 7, ao colocar em posição temática o universo das fundadoras da ABRAT, por meio da generalização da informação, para depois especificá-la, por meio da identificação condicional “Ela é a **única** transexual.”, o texto torna o assunto em tela menos preconceituoso e excludente.

De todas as fundadoras da ABRAT, é a única transexual – construiu uma vagina no lugar do pênis, num processo cheio de lances dramáticos, que levou décadas para ser consumado e até hoje lhe causa transtornos.

Vale ressaltar ainda, neste excerto, a forma sintética e breve como é descrito o processo pelo qual Maitê se tornou “transexual”: “construiu uma vagina no lugar do pênis”. Chama-nos atenção a forma superficial e até irônica usada pelo jornalista para descrever a cirurgia de realinhamento de gênero: *processo cheio de lances dramáticos, causa transtornos.*

Os atributos e características físicas também aparecem com recorrência, em posição temática, como circunstância de modo, destacando a beleza, e as identificando fisicamente:

Olhos azuis, cabelos pretos, pele clara, Maite chama a atenção pela beleza.

De vestido longo com alças azul-marinho (“Minha roupa de ir à tevê”) e o leque preto de sempre nas mãos, ele prosseguiu:

Tal realização linguística valoriza os corpos e os colocam no foco da discussão das experiências transex. Observe que o corpo é (re)contado como espaço de criação e, portanto, de sobrevalorização. O jornalista ressalta a aparência feminina do corpo, qualificando e o apreciando de maneira positiva, destacando-o.

Tais realizações linguísticas reforçam a proposta comunicativa do gênero que é contar como vive, o que pensa e com quem anda o cartunista Laerte. Ou seja, busca identificar quem são estas pessoas que convivem com Laerte seja fisicamente,

profissionalmente ou pessoalmente investindo posicionamentos ideológicos em relação ao tema em destaque.

A questão da feminilização é extremamente importante para a identidade das travestis e transex. Ao retratá-las, por suas características funcionais, o jornalista dá status às personagens de sua estória, pois as distanciam do estigma de travesti e transex-pobreza-pornografia. Beleza e feminilização constroem então travestilidades e transexualidades diferentes. Observamos tal reflexão na forma como o texto descreve as amigas travestis e transexuais de Laerte, por meio das orações relacionais com os processos atributivos e possessivos, com marcas avaliativas positivas:

Tem os cabelos brancos e cacheados, meio revoltos, o que faz lembrar uma versão feminina de Erasmo Carlos. Usa um piercing entre o queixo e o lábio inferior e ostenta seios discretos”.

Marcia é uma morena de 1,80 metro de altura, cabelos negros e lisos e compridos, cuja presença não passa despercebida.

Aos 48 anos, é dona de um corpanzil e tem seios bem evidentes. Com a fala desimpedida, ela contou que, apesar de sua transformação – e apesar de ser rica (“Dinheiro, para mim, não é problema”) -, nunca teve intenção de fazer cirurgia para trocar de sexo.

No excerto 12, vale ressaltar a forma como o jornalista introduz a informação de que a personagem não fez a cirurgia para realinhamento de gênero, tão comum entre os sujeitos que querem se alinhar: o uso repetido do elemento “apesar de” marca com intensidade e realce que a mudança de sexo não é obrigatória para que ela se tenha uma identidade feminina. O fato é que o uso deste recurso coesivo nos aponta para as relações entre a história da personagem, a questão da transexualidade, identidade e mudança de sexo. Somando-se a isso, o uso do discurso direto entre parênteses para reforçar a tese de que nem todo travesti é pobre e feio.

Outro tipo de realização linguística que chama atenção no texto é a forma como Laerte se autodenomina e se auto-representa - o uso da regência feminina:

“Antes eu era conhecida como autora de quadrinhos”, falou, usando a regência feminina.

“Eu já não era religiosa.”

“Sou uma mulher em caráter experimental.”

Ele se refere a si mesmo no feminino, e, ao fazer isso, se constrói como sujeito da experiência da travestilidade, aquele que, de fato, está vivendo o processo. O uso da regência feminina, além de ser a materialização do discurso no corpo, é também uma forma de se lutar politicamente, uma política afirmativa das identidades de gênero: usar a regência feminina não só para se auto-referir, mas também para ter direito ao nome social feminino e construir-se como corpo/sujeito/identidade feminina.

No excerto 16, na oração relacional, Laerte se assume e se identifica assertivamente como “uma mulher”, circunstancialmente de maneira experimental. Trata-se assim de uma nomeação legítima de existência social, de identificação e classificação afirmativa. Ao se assumir assim, Laerte reforça o que Butler diz sobre

discursos habitarem corpos, acomodarem-se em corpos: “se a única forma de acessar o corpo ou o biológico é através da linguagem, então, esse mesmo corpo já é em si linguagem. [...]”. (BUTLER, 2010[1993]). Isso implica dizer que corpos são fenômenos sociais, culturais, históricos e discursivos.

Assim, ao se autodenominar como Sônia, nomear-se como mulher, de forma assertiva, performativa, Laerte se assume e se reconhece legitimamente como sujeito da travestilidade, como se observa no excerto 17.

“O Laerte chegou ao BBC como chega a maioria. Completamente perdido”, lembrou Letícia. E chegou usando a identidade feminina que adotou para si, conforme exigiam as regras do clube: chamava-se Sônia Cateruni.”

Observemos, nos excertos abaixo, como a travestilidade é representada, e como a cartunista-travesti a representa:

*“Mas o que tem sido fácil para mim é difícil para a imensa maioria das travestis. Isso me deixa **com certo desconforto**, me dá a sensação de que estou anodinizando a atitude travesti,” disse, empregando um de seus inúmeros neologismos.”*

*“Não gostaria de **transformar essa atitude** – que é de desafio à regra, de transgressão – em algo palatável. O papel de ursinho carinhoso me incomoda”.*

É interessante notar o uso recorrente de processos relacionais sejam atributivos ou possessivos com marcas de avaliatividade na fala de Laerte. Há uma preocupação clara na construção da opinião, muitas vezes, modalizada: “com certo desconforto; dá a sensação de que; não gostaria de”. Em 19, Laerte denomina a travestilidade de “atitude”, o que sugere algo dinâmico, ativo, e a caracteriza de maneira bastante atitudinal, de maneira ativista, por meio de orações relacionais atributivas: “que é de desafio à regra, de transgressão.” Finaliza, usando uma metáfora atitudinal bastante irônica de que, ao se travestir, não está apenas “brincando, ou passando tempo”, mas sim levando a sociedade a discutir e a refletir acerca das relações de gênero, preconceito e exclusão.

O fato de Laerte ser uma pessoa notadamente conhecida no meio artístico em função de seu trabalho como cartunista, a tornou obviamente uma celebridade sociocultural, levando a sociedade a representá-la e a denominá-la de diversas formas, como a própria cartunista destaca, por meio das orações relacionais, com tom de deboche:

“Agora virei também uma figura dos faits divers. Ah, é o cara que se veste de mulher! É um cartunista. Mas é gay? Não, não é bem assim. Não é? Não sei”, ele imitava vozes e ria do próprio teatro.

O enunciado “agora virei uma figura dos *faits divers*” deixa pressupor um dos muitos discursos e representações feitos por grande parcela da sociedade sobre os travestis: algo inusitado, grotesco e anormal. Há ainda o discurso que a travestilidade se configura apenas com o uso de roupas femininas, relegando toda a postura afirmativa do

gênero. Laerte chama atenção ainda para a confusão entre ser gay e ser travesti ou um crossdresser porque usa roupas femininas e se comporta de maneira feminina.

O corpo é, nessa experiência, desejo e objeto ao mesmo tempo, no qual a história é contada através de sua experiência corporificada; apresenta-se como um espaço de reterritorialização, transformado em outro tempo e espaço. Neste contexto, o desejo entre as travestis se calca na experiência de tornar-se outro:

Ele não cogita se submeter à cirurgia para mudar de sexo. “Não penso, não. Muita mão de obra, muita mexida, me dá medo. Fora que não estou exatamente em conflito com a minha genitália.” Mas Laerte planeja fazer implante de seios. “Eu vou pôr peito. Quero investigar melhor, saber toda a dimensão do que é fazer isso. É uma intervenção cirúrgica. Na minha idade não dá mais para fazer pela via hormonal. É jogar hormônio fora, não funciona.”

As orações mentais (ele não cogita; não penso; me dá medo; saber toda a dimensão) constroem Laerte como experienciador do fenômeno da transformação corpórea, implicado em um processo de consciência, de reflexão interior. Laerte é o participante dotado de consciência ao assumir assertivamente que “não está em conflito com a genitália”, diferentemente de outras travestis que desejam mudar seus corpos para afirmarem-se sejam como corpos femininos, sejam como corpos masculinos. O que diz o seu corpo, diz quem você é, é a máxima, muitas vezes, aceita e concretizada pelos travestis. Embora não queira fazer a cirurgia de mudança de sexo, Laerte torna-se ator do processo material “pôr” da meta “peito”, do processo experimental “tornar-se mulher”.

A intertextualidade, conforme aponta Fairclough, é um tipo de recontextualização que acarreta transformações potenciais nos significados construídos e diz muito acerca do posicionamento político do evento relatado. Segundo o autor, os “relatos são raramente equilibrados com as diversas vozes representadas.” Algumas vozes são colocadas em destaque, enquanto outras, marginalizadas. Algumas são legitimadas por serem retomadas na voz do repórter (FAIRCLOUGH, 1995, p.81).

O que chama atenção, neste texto, é a forma como o jornalista se insere por meio de comentários avaliativos nas falas do Laerte sobre os assuntos em pauta:

Eu? Sou fina. Sou educada, não faço barraco na rua!”, disse Laerte, imitando uma personagem de voz afetadinha.

“Não é preciso muito tempo de conversa para ver Laerte desempenhar o papel de ‘advogada da diaba’, expressão dele.”

Se o episódio teve efeito prático sobre a transformação de Laerte, foi no sentido de adiá-la: “Eu interrompi por um bom tempo o processo de busca do meu feminino e da transgeneridade.”

Ao falar do talento de Laerte, Angeli fez elogios superlativos: “Ele sempre foi o melhor de todos nós”.

Vale ressaltar que narrativa da vida de Laerte é recorrentemente legitimada e reforçada pelas falas, representadas por discursos diretos, da família (mãe, filhos),

amigos cartunistas e amigas travestis. O que aponta, segundo Fairclough (2003), para a construção de um discurso mais aberto à diferença, ou seja, deixa explícita a forma como os atores sociais se posicionam, e principalmente como o jornalista se coloca no texto e na construção da reportagem.

Embora o jornalista use o discurso direto para representar as vozes dos amigos e parentes para legitimar o modo de viver de Laerte de forma a tornar mais crível e verossímil a estória contada, ainda assim o jornalista, na maioria das vezes, finaliza com um comentário apreciativo ou opinativo:

*“Antes do BBC, travesti e transexual de classe média era como cabeça de bacalhau: todo mundo sabe que existe, mas ninguém nunca viu”, resumiu Letícia Lanz, uma trans de Curitiba **que conheceu Laerte no clube e se tornou uma de suas grandes amigas.**”*

*Com 33 anos, Rafael é cartunista como o pai. **Usa barba e tem o temperamento expansivo – é frequente vê-lo abrir um sorriso largo no rosto enquanto fala.** “Fico feliz, sou grato, porque isso nos deu espaço de manobra”, disse, referindo-se ao desvelamento gradual de Laerte.*

***Falava devagar, cheia de pausas:** “Ele tem objetivos altos. Pensa que as pessoas devem ter direitos iguais. Equitativos. Que todos têm que ter o direito de ser o que quiser.”*

***Reiterou sua preocupação:** “Eu sempre digo a ele: meu pavor é que um homofóbico te pegue. Um desastre de grandes proporções não paga por essa felicidade de se vestir. E se você ficar muito machucado? E se te quebrarem as pernas, te incapacitarem de andar?”*

***No instante seguinte voltou a se resignar:** “Mas quase todo mundo com quem eu converso aprova. Se ele quer, tem que fazer. A posição dele é essa. Respeite-se.”*

O excerto 27, por meio dos comentários circunstancializadores, em posição temática, do jornalista, principalmente quando diz que a mãe de Laerte se resigna, evidencia o discurso do consenso, da aprovação social, do ser que é julgado e aprovado, para ser aceito. Um consenso pautado na resignação: a mãe não aceita ou aprova a travestilidade de Laerte porque concorda com sua atitude afirmativa e transgressiva, mas porque há um consenso que aprova tal atitude.

Interessante observar que, embora o texto apresente vários tipos de vozes, a princípio, demonstrariam discursos diferentes acerca da vida da cartunista-travesti-crossdresser, uma vez que tais vozes representam desde o movimento cross, o movimento artístico do cartum, até as percepções da família, há uma localização do problema sempre no nível do indivíduo, e não uma problematização acerca da transgeneridade e as dificuldades encontradas tanto por Laerte quanto pelas amigas.

“É claro que no início foi chocante, mas ele preparou a gente aos poucos. Tinha peruca em casa, usava brinco, cabelo comprido – isso tudo antes de ficar toda montada”, disse Laila.

Ao falar do talento de Laerte, Angeli fez elogios superlativos: “Ele sempre foi o melhor de todos nós”, “O Glauco dizia que o Laerte era de outro planeta”, “Naquela época ele já era o ídolo da gente.”

Considerando ainda as relações intertextuais, é relevante mostrar que o jornalista, em único momento, utiliza-se de vozes técnicas e especialistas, por discurso

indireto, para informar o leitor de que tal “atitude”, “projeto experimental”, baseia-se em estudos filosóficos legitimados no universo acadêmico:

Segundo, em termos conceituais, a ideia de um gênero cristalizado, de uma identidade masculina ou feminina definida e definível de uma vez por todas, não passa, para ele, de ilusão, contra a qual tem se insurgido. Nesse ponto, apesar de repetir que sua vida intelectual se baseia em “chutação” e “achismo”, o cartunista se aproximou naturalmente das ideias da teórica feminista Judith Butler, autora de livros que norteiam discussões nessa área, como Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade (publicado originalmente em 1990) e Bodies that Matter (1993).

No excerto 30, o jornalista se manifesta por discurso indireto, com algumas inserções do Laerte expressos por meio do sinal gráfico das aspas, indicando a voz do outro – ‘chutação e achismo’. A informação que refuta o caráter cristalizado do gênero e a caracterização disso como ilusão não fica clara se é uma fala do jornalista ou do Laerte, uma vez que embora haja uma circunstância de ângulo (para ele) indicando a voz de Laerte, isso não fica muito claro. Essa impossibilidade de separação nítida entre a voz do jornalista/narrador e Laerte/personagem revela uma aproximação entre as posturas de ambos acerca do problema em tela: como se o jornalista também julgasse tal atitude como uma postura política bastante afirmativa.

No fragmento “Nesse ponto, **apesar de repetir** que sua vida intelectual se baseia em “chutação” e “achismo”, o cartunista se aproximou naturalmente das ideias da teórica feminista Judith Butler”, o jornalista contra-argumenta a possível informação do Laerte de que tal projeto não se vincula a nenhuma abordagem teórica acadêmica, por meio da noção de concessão do item lexical “apesar de”, embora conclua chamando atenção para o fato de que tal “atitude transgressora” endosse as ideias defendidas por Judith Butler.

No excerto 31, embora mostre concordar com as ideias da filósofa, qualifica de forma irônica e depreciativa os ensaios filosóficos da autora, por meio do epíteto “encrespada”, que nos remete a um potencial de significados bem singulares: crespo, enrolado, semantismo negativo e depreciativo, ressaltando uma construção negativa. Além do comentário depreciativo e irônico: “cultiva mesmo gosto pela obscuridade de certa filosofia...”.

Butler concebe o gênero como algo em permanente movimento, instável, movediço – e no limite indefinível. A prosa encrespada da autora, que cultiva o mesmo gosto pela obscuridade de certa filosofia pós-estruturalista francesa e da versão francesa da psicanálise, fica mais palatável quando Laerte se põe a traduzi-la em insights para o seu idioma: sou uma mulher em caráter experimental.

À medida que relata as experiências sejam materiais, sejam internas (perceptivas, desiderativas ou cognitivas) de Laerte, o jornalista, por meio de um texto repleto de vozes consoantes, afetuosas e afirmativas sobre a questão da travestilidade, constrói uma posição identitária do crossdresser como alguém que se posiciona na comunidade da travestilidade e a avalia desse lugar do qual fala.

6 Algumas considerações...

O jornalista aprecia muito mais do que julga a atitude de Laerte. Aprecia e avalia positivamente por meio de atributos físicos e relacionais tanto as amigas de Laerte quanto os amigos e parentes. Dessa forma, no plano do afeto e da apreciação, constrói discursivamente a inserção de Laerte tanto no movimento crossdresser, quanto na sociedade. Ao fazer isso, também humaniza a atitude do cartunista-travesti no contexto social. A recorrência de processos mentais e relacionais apontam para a construção identitária de um sujeito que está experimentando uma nova construção corpórea, dotada de certos atributos e elementos identificacionais, que indicam novas práticas discursivas. Deixa explícito que tal outridade é levada a cabo por um sujeito voluntarista, em domínio pleno de suas capacidades cognitivas e de suas ações concretas. Laerte é, ao mesmo tempo, fenômeno e agente do projeto que desenvolve/executa e reflete.

No entanto, parece-nos que a revista colocou o assunto em pauta, porque está sendo polemizado em todas as mídias e pela sociedade, e não porque é um assunto que precisa ser problematizado de forma ativista ou inclusiva.

O que o texto pode sugerir ao leitor é que os limites do corpo extrapolam a pele e que a gestualidade e a estética fazem apenas parte das construções corpóreas, o que implica dizer que não são condição *sine qua nom* para a constituição de corpos. Outra questão que pode ser levantada é que muitas das situações de exclusão e marginalização pelas quais os transex e travestis vivem devem-se à negação sistemática do estado em reconhecer tal identidade, negando a eles a identidade social, a cirurgia de realinhamento de gênero e o direito à saúde integral – bem estar físico, psicológico e social em conformidade com a identidade e a expressão de gênero assumida, de acordo com o projeto de vida.

7 Referências

- BAUMAN, Z. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BLOMMAERT, J. *Discourse. A critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London : Edward Arnold, 1995.
- _____. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FERNANDEZ, A.M; PERES, W.S. *La diferencia desquiciada*. 1ed. Buenos Aires: Biblos, 2013.

FOUCAULT, M. (1975) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1985.

HEYWOOD, A. *Ideologias políticas 2: do feminismo ao multiculturalismo*. São Paulo: Ática, 2010.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, G. P. Pensar a sexualidade na contemporaneidade. In: Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. *Sexualidade*. Curitiba, 2009. p. 29-37.

RAMALHO, V; RESENDE, V, M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Abstract: In this article, be problematized how individuals are constructed ways of identifying social actors represented in the texts, as well as speeches and built for them by the news media. To this end, an analytical study of a newspaper article that discusses a type of body that invokes different identity positions that played by hegemonic heterosexist matrix will be performed. I will take as its starting point the reflections not only of Butler (2010) about the "descriptive feature of experience" as 'forming' identities, but also the faircloughiano debate that identities and social relations are reflexively constructed through processes of negotiation through dialogue in the public sphere (Fairclough, 2001), besides discussing Le Breton (2010) on the corporeality as a social phenomenon, historical and cultural.

KEYWORDS : Body. ADC. Medi.